

Risco de contágio ainda permanece, diz Fraga

ECONOMIA - BRASIL

Cristiano Romero

De Nova York

O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, reconheceu que o Brasil ainda corre o risco de sofrer um novo contágio da crise argentina. Fraga, que participou no fim de semana do Fórum Econômico Mundial, em Nova York, explicou que existe o risco de país sofrer os efeitos de uma recessão profunda no país vizinho, com impactos comerciais e financeiros.

"Tenho dito desde o primeiro momento que apesar de ser verdade que diminuiu o contágio, que aquela sensação de pânico em setembro, outubro e no início de novembro diminuiu ou quase desapareceu, sempre resta o que se chama na discussão mais acadêmica de transmissão natural de uma recessão profunda na Argentina para nós", disse Fraga durante entre-

vista. "Nossos exportadores estão sofrendo. Não há dúvida de que isso também tem algum impacto financeiro, mas é muito difícil quantificar. A situação melhorou muito, mas melhor para nós seria a Argentina crescer."

O presidente do BC ressaltou que, mesmo nesses momentos "difíceis, o país tem conseguido "algum crescimento". "Não há dúvidas de que a Argentina em recessão significa menos exportações para nós, significa uma visão de certo risco até de terceiros quando olham para o Mercosul", observou. "O contágio diminuiu muito graças ao esforço que o governo já vem fazendo há vários anos. Minha expectativa é que ele continue a diminuir, mas temos que ficar de olho. Não dá pra relaxar não."

Isto significa que o BC deverá se manter prudente na definição da taxa de juros de curto prazo —

na última reunião do Copom (Comitê de Política Monetária do BC), a taxa Selic permaneceu em 19% ao ano. Perguntado se a crise argentina está pesando na decisão do BC, Fraga lembrou que o objetivo primordial da política monetária é controlar a inflação, mas reconheceu que a situação no país vizinho influencia.

O presidente do BC discorda da avaliação de que a meta de inflação fixada para este ano — 3,5%, contra um índice efetivo de 7% em 2001 — é muito apertada, o que exigiria maior conservadorismo na administração da taxa de juros. Ele admitiu que existe uma preocupação com a possibilidade de transmissão de parte da inflação de 2001 para a de 2002, o que de fato pode levar o BC a manter os juros elevados. Mas, para ele, as perspectivas são boas.

No ano passado, a inflação re-

gistrada pelo IPCA ficou acima da meta do Banco Central. "Não acho a meta apertada. A inflação de 2001 superou as nossas expectativas e a nossa meta original. Isso traz a pergunta: 'não fica para o ano seguinte um peso de inércia grande?', 'como é que a gente deve digerir isso?'. É sobre esse tema que nós versamos na carta que escrevi ao ministro Malan e na última ata do relatório de inflação", disse Fraga.

O presidente do BC acredita que, olhando para o médio prazo, poderá haver um alívio tanto nos preços quanto na situação externa que abram espaço para a queda dos juros. "Olhando para a inflação deste ano e para a do ano que vem, eu diria que a situação é razoavelmente boa, podendo a meu ver, portanto, em algum momento no futuro, ensejar uma redução da taxa de juros."

04 FEV 2002

Fraga